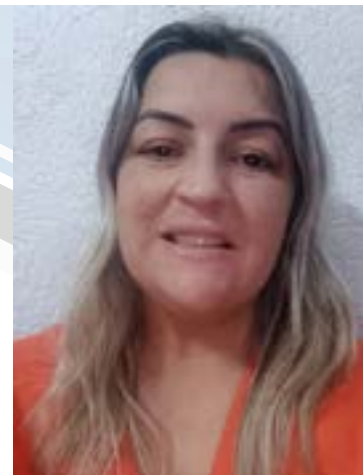


# O OLHAR HUMANO NA EDUCAÇÃO E A ARTE



## JOICE BOTELHO SILVA

Graduação em licenciatura Artes Visuais pela faculdade Mozarteum de São Paulo (2020); Graduação em Pedagogia na UNIABC, Universidade do Grande ABC (2013); Professora na rede municipal de São Paulo.

## RESUMO

A Arte apresenta-se, paradoxalmente, na educação e em diferentes lugares, especialmente no Brasil, como uma contradição: a sua importância é reconhecida como parte do processo que tem sido chamado de formação integral, mas ao mesmo tempo não tem conseguido consolidar-se como referência fundamental para o desenvolvimento integral dos alunos na escola. O debate é permanente e ainda mais no final do século XX quando se consolidaram as pesquisas sobre a relação entre os benefícios da arte na educação. A relação entre Educação e Arte tem feito parte da história, basta olhar para as diferentes histórias das artes plásticas, da música, da dança, do teatro e da literatura, para mergulhar na mais antiga das várias formas de representação do pensamento humano por meio de som, movimento gestual, cor, aromas e outras formas de traduzir esse pensamento em linguagem. Se também for revista a história da educação, verifica-se que o conhecimento do mundo tem estado ligado às expressões artísticas, sendo a literatura, a música e as artes plásticas as que mais impactaram na interação com outros saberes igualmente importantes como matemática, astronomia, ciências naturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte; Humanidade; Importância.

## INTRODUÇÃO

Perante do olhar sensível, percebemos que, a técnica a teoria e a prática, são primordiais para o fazer pedagógico e muitas vezes as experiências são deixadas de lado.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa não o que acontece, ou o que toca. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. (BONDÍA, 2002, p.21)

Ao contar uma história ou uma experiência, quem ouve é levado a prestar atenção, a conceber, e tentar visualizar cores cheiros, gostos, objetos, outras pessoas ou animais. Além de despertar outros sentidos, o ato de falar ou ouvir provoca emoção, sensibiliza, acorda para a percepção do outro e do mundo. Mas para isso, é preciso antes de tudo, conhecer. Já que:

Ninguém conhece no lugar de ninguém. Ninguém se transforma senão a partir de si próprio, de suas próprias experiências e aprendizagens. Conhecimento não se transfere mais propriamente se organiza a partir da experiência do sujeito, de sua curiosidade, de seu espanto interrogativo, de sua construção. É nesse sentido que dizemos que todo conhecimento é subjetivo, apesar de ser compartilhado socialmente. (ALMEIDA, 2008, p.58)

Paulo Freire vai ao encontro desse olhar, quando destaca que:

...desde os começos do processo (de ensino/ aprendizagem), vai ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao formado [...]. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 1996, p.25).

Percebe-se que é muito importante o papel do professor no ensino da arte, pois este colabora, por meio de ações educativas, com o estímulo a afetividade, as trocas sensíveis e ao desenvolvimento do conhecimento do ser humano.

A criança torna-se sujeito das práticas que consegue em sala de aula, e fora dela, abrindo-se para outros caminhos que levam ao aprofundamento das conexões com a escola e a família, como assinala Paulo Freire. Karina Dias em seu livro *Infância e Educação*, também nos traz uma reflexão sobre os caminhos que a formação da sensibilidade transcorre.

A formação da sensibilidade não está restrita ao espaço escolar, ela se dá na vida todos os dias, na relação com as pessoas, na relação com o mundo, que nos cerca e, a cada momento transforma-nos e coloca-nos em contínuo movimento (DIAS, 1999, p. 177).

A imaginação nas aulas de arte quando colocada em prática, se torna um conceito valioso no processo de aprendizagem dos alunos, tornando a aula de arte cada vez mais produtiva, e assim aproximando mais o aluno da escola com um repertório de informação ainda maior. De acordo com Vygotsky:

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social, e sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individuais e história social [...] (Vygotsky, 1989, p.111)

Dessa forma, o modo de ensinar é essencial, no que diz respeito à liberdade e expressão da criança, colaborando para seu desenvolvimento integral onde se deve trabalhar o habitual da criança, trazendo relatos para enriquecer as aulas, as diferentes culturas e modos de conhecer a arte, sem deixar de lado as brincadeiras, tão importantes para esta fase de vida.

Ao refletir sobre arte e Educação Infantil não podemos deixar de mencionar o papel da sensibilidade na formação da criança e, também, o mundo que é mencionado a partir de sua imaginação, a partir do lúdico. Neste sentido, se faz imprescindível compreender a importância da experiência

estética e o desenvolvimento da sensibilidade nas crianças.

É admissível buscar a sensibilização estética no que as crianças concretizam em suas atividades criadoras, seja no desenho, pintura, colagem, modelagem, construção com sucata ou até mesmo na disposição de seus materiais e na organização do espaço e das brincadeiras.

As crianças devem viver a infância em ambientes enriquecedores que beneficiem o brincar, o aprender, em que possa interagir com brinquedos e objetos com noção física e social, sobretudo a criança com a idade entre zero e seis anos. É na infância de modo muito especial que o ser humano passa por grandes modificações em relação a gestos e atitudes.

É necessário distinguir e reconhecer cada passo desta mutação para compreendermos as necessidades das crianças, instigá-las e, sobretudo, cooperar para que se desenvolva da forma mais harmoniosa possível, preservando para a vida adulta uma imagem positiva de si mesmo.

## **APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**

De acordo com David Ausubel em sua teoria desenvolvida sobre a aprendizagem significativa, tal teoria será muito mais significativa na medida em que novo material for agrupado às estruturas de conhecimento de um aluno e este tenha sentido para ele a partir da analogia com o seu conhecimento anterior.

Ao oposto disso, a aprendizagem será mais repetitiva, na medida em que dá menos essa inclusão e pertinência do significado, sendo assim, o novo material será guardado isoladamente ou por meio de agregações eventuais na estrutura cognitiva.

A aprendizagem significativa possui benefícios extraordinários no desenvolvimento do aluno, tanto no ponto de vista da lembrança futura e o emprego da evolução da estrutura cognitiva do aluno como ponto de vista da lembrança futura e a utilização para experimentar novas aprendizagens, fatores que a demarcam como a aprendizagem mais apropriada para ser solicitada entre os alunos, podendo assim, alcançar a aprendizagem significativa tanto por meio da descoberta como por meio da recepção.

Na teoria da aprendizagem significativa existem três vantagens básicas em relação à aprendizagem memorística. Em primeiro lugar, o conhecimento que se contrai é armazenado e lembrado por mais tempo. Em segundo lugar, acrescenta a capacidade de aprender outros materiais ou conteúdos pertinentes de uma maneira mais simplificada, mesmo se a informação original for perdida. Em terceiro lugar, e uma vez esquecida a informação, provoca quando a aprendizagem consequente, à “reaprendizagem”, para dizê-lo de outra maneira. O esclarecimento destes direitos está nos processos específicos por meio dos quais se dá a aprendizagem significativa.

A aprendizagem significativa sugere, como um processo essencial, a influência mútua entre a estrutura cognitiva prévia do aluno e o material ou conteúdo de aprendizagem. Cool (1996) diz que a aprendizagem significativa está interligada à funcionalidade, ou seja, a possibilidade de prevalecer-se dos conhecimentos aprendidos quando imprescindível, deste modo, quanto maior for o

grau de significatividade da aprendizagem, maior será também a sua funcionalidade.

Como assegura Cool (1996, p. 235), a última das categorias comentadas para a aprendizagem significativa “é um toque de atenção sobre o papel decisivo dos aspectos motivacionais”.

Ainda que o material de aprendizagem seja virtualmente significativo, coerente e psicológico, o aluno terá uma predisposição para memorizá-lo repetitivamente, porque demanda menos valores e é mais simples fazê-lo desse jeito.

A aprendizagem significativa tão debatida nos círculos pedagógicos tem uma intensa relação com a Arte, pois, os PCN exibem a Arte como propiciadora do desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que individualizam um modo próprio de dar sentido à experiência humana, induzindo o aluno a expandir sua sensibilidade, percepção e pensamento, assim como beneficia o relacionar-se criadoramente com as outras áreas do conhecimento.

Um aluno que teve a sua competência artística bem trabalhada e/ou explorada será capaz de entender sua realidade diária mais vivamente, podendo até mesmo criar condições para conquistar um desígnio de vida melhor, isto é, dará maior qualidade ao que se aprende.

Ao aprimorar o gosto pela arte, além de apurar a sua sensibilidade, o professor entrará em contato com diferentes obras e apreciará o material utilizado para a invenção delas, o contexto histórico, político e social no qual foram produzidas e a vida dos artistas que as produziram.

Dessa forma, é plausível que o professor se desenvolva e se construa culturalmente para uma atuação que agregue, no seu dia a dia com os alunos, um envolvimento maior com a riqueza cultural, a criação, a expressão, o olhar curioso e afetuoso, ou seja, com a liberdade.

## **O ENSINO E A APRENDIZAGEM DA ARTE**

O ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, “(...) de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos.” (BRASIL, 1997, p. 20).

Não se nasce sabendo, a aprendizagem é um processo natural, o homem nasce, vive e cresce sempre aprendendo e ensinando, esse aprendizado informal – conhecimento de mundo - em muito contribui no processo ensino-aprendizagem formal estabelecido nas escolas de ensino básico. A arte produzida pelos artistas e a função da arte na escola são objetos de estudos diferenciados, embora estejam intimamente entrelaçados.

Partindo do que estabelece os Parâmetros, a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Arte está presente na história, desde o início da humanidade e em praticamente todas as

manifestações culturais, os conhecimentos e descobertas alcançados vão sendo repassados de geração a geração, independentemente de parte de um ensino formal ou informal, sendo assim, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais a Arte tem um papel tão respeitável quanto a dos outros conhecimentos no processo.

A arte na educação concebe um espaço básico para o exercício da cidadania, e o ensino da arte no contexto escolar incide em garantir aos alunos o acesso integral cultura, a seu tempo histórico, social e educacional. O aluno, ao apreciar a arte de outras culturas, poderá entender sua realidade diária, podendo fazer uma ressalva crítica da cultura em geral, apreciando, assim, o modo de pensar e agir de sua cultura e de outras.

A arte na educação estabelece meios para a construção da aprendizagem, uma vez que a abordagem moderna da arte na educação está integrada ao desenvolvimento cognitivo e a imaginação criadora, associando as linguagens artísticas nas atividades, como a música, as artes cênicas, as artes visuais e a expressão corporal. (BARBOSA, 2000)

O aluno deve ser estimulado a analisar, a criar e a reger seu olhar para novas experiências que o induzam a uma pesquisa e ao conhecimento, e a organizar propostas que trabalhem o pensamento divergente, buscando sempre acatar as experiências, as experiências e o ritmo dos alunos.

Torna-se imprescindível um novo olhar sobre o preparo do professor para atuar junto ao aluno de forma conscienciosa, sempre cauteloso à sua prática pedagógica.

É essencial também, que o aluno tenha qualidades psicológicas, pedagógicas e materiais para que se expresse por meio das linguagens artísticas. Sendo assim, a arte deve transcender todas as disciplinas, trabalhando-se a interdisciplinaridade.

Portanto, o principal intuito da arte-educação é formar o ser inventivo que possa realizar-se como pessoa por meio de uma educação integral. A arte como processo pessoal e cultural é o apoio necessário para o pleno desenvolvimento do aluno e precisará colaborar para uma educação transformadora.

O método do ensino e aprendizagem da arte, não deve se reduzir apenas na transmissão de conteúdos, mas sim em seguir um caminho que permita a concepção das diferentes modalidades artísticas, e da história.

## **A CONTRIBUIÇÃO DA ARTE NA EDUCAÇÃO HUMANA**

O homem constrói suas concepções, seus valores e suas crenças, a partir de suas experiências, de suas ações. O seu modo de ver o mundo e agir nele vai se formulando ao longo de sua vida, a partir daquilo que o indivíduo vivencia no dia a dia, no meio em que está inserido. Conforme Severino:

Está definitivamente superada a ideia metafísica de que o nosso modo de ser se definiria por uma essência, entendida esta como um conjunto de características fixas e permanentes, ideia consagrada pelos filósofos antigos e medievais quando afirmavam que o agir decorre do ser...., mas justamente aqueles aspectos pelos quais somos especificamente humanos

são aspectos que não estão dados a priori, eles são construídos graças a nossa prática (SEVERINO, 2006, p.73).

A educação exerce um papel primordial no desenvolvimento da personalidade dos indivíduos. Por essa afirmação, é fácil perceber que o futuro de um aluno que é instigado, que desenvolve a criatividade e o pensamento crítico, tem perspectivas melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão.

A realidade atual apresenta-se, muitas vezes, violenta e hostil, carregada de desumanidade e destruição, e todos, crianças e adultos, tornam-se vulneráveis neste contexto.

Kramer (2003) reflete sobre essa realidade, entendendo-a como uma barbárie e defende que, para a superação dela, a educação deve se dar numa perspectiva que conduza os educandos para uma humanização, de modo que se estabeleçam experiências de socialização, de trabalho coletivo e de valorização de si e do outro.

É preciso formar o homem para que ele seja capaz de ler e escrever o mundo em que vive, isto é, para que ele tenha condições de analisar a realidade e, assim, criar estratégias para modificá-la no que for preciso, de modo que o mundo se torne um espaço para compartilhar cultura e a construção da paz.

Segundo Kramer (2003), a cultura é uma junção de tradições, costumes, valores, história e experiências que se manifestam por meio das danças, das roupas, da música, das festas etc.

A autora entende que a criança precisa conhecer e vivenciar a cultura na qual está inserida, para e a partir daí poder fazer parte da construção cultural, que é dinâmica e, assim, está em constante transformação.

As artes partem das manifestações culturais, desse modo, é importante que as crianças as vivenciem e produzam, pois, assim, podem reconhecer-se como também produtoras dessa cultura. Porém, para tanto, é necessário que a criança tenha oportunidades de desenvolver a criatividade e a expressão livre, e que, neste processo, ela possa se conhecer e conhecer os outros, formando-se integralmente.

As artes, em todas as suas modalidades, exploram, inevitavelmente, a expressão, a criatividade, a imaginação, a intuição e a sensibilidade de uma pessoa. As artes plásticas assumem um papel de grande relevância para o processo de aprendizagem e socialização da criança. Nesse sentido, Bessa ressalta que:

Quando a criança pinta, desenha, modela ou constrói regularmente, a evolução se acelera. Ela pode atingir um grau de maturidade de expressão que ultrapassa a medida comum. Por outro lado, a criação artística traz a marca de uma individualidade, provoca libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social sem dificuldades (BESSA, 1972, p. 13).

A livre expressão é um meio pelo qual se revela a essência da personalidade, pois subentende exteriorização e representação. Apesar da espontaneidade quase sempre presente na criança, a realidade social e material não possibilitam que ela expresse as suas realidades subjetivas.

Por meio da pintura, desenho, esculturas e outras formas de artes plásticas realizam-se de-



sejos, satisfazem-se necessidades e se afirma o Eu, ou seja, a pessoa se revela para si mesma.

Dessa forma, ao exercitar a expressão livre, a criança libera sua subjetividade e se conhece cada vez mais. Para Alencar (1990), existem fatores que funcionam como repressão ao potencial criador, fatores estes que contribuem para a construção de uma visão limitada dos próprios talentos e potencialidades, dentre as quais, o medo da crítica e a ideia de que o talento está presente em poucos indivíduos.

Segundo a autora, é a sociedade que inculca esses medos, através das crenças e valores estabelecidos, que são repassados, muitas vezes, e que, de forma gradual, atingem as crianças, por meio das proibições e repreensões exercidas pelos adultos.

São estas barreiras emocionais e culturais que inviabilizam a visão da arte como criação e não reprodução. Dentre as barreiras emocionais, a apatia, a insegurança, o medo, sentimentos de inferioridade e o autoconceito negativo, inibem uma forma de pensar mais inovadora e criadora.

Alencar (1990) define o autoconceito como a imagem subjetiva que cada um possui de si mesmo.

O autoconceito constitui fator determinante daquilo que se é e caracteriza-se por facetas que podem ser mais positivas ou mais negativas, como exemplo: “Eu sou uma pessoa habilidosa, mas sou uma pessoa muito tímida”. Este exemplo apresenta características positivas e negativas da personalidade de uma pessoa, porém, existem pessoas que possuem um autoconceito totalmente negativo.

Em relação a essas barreiras emocionais, é possível efetuar mudanças, e o professor tem um papel importante no sentido de propiciar as condições favoráveis para o desenvolvimento de habilidades e talentos dos alunos. Não desconsiderando as diversas atividades pelas quais se pode realizar tal estímulo, é importante salientar que as artes possibilitam o reforço de estímulos positivos para a construção de um autoconceito que valorize muito mais as habilidades do que as dificuldades, contribuindo, desse modo, para a elevação da autoestima dos alunos.

A educação não se limita à estruturação e à apropriação de conhecimentos técnicos, históricos, matemáticos, geográficos, entre muitos 28 outros tão necessários para a formação humana, mas compreende também o objetivo de humanizar, de favorecer o crescimento intelectual, emocional/afetivo e cultural da criança, no sentido de que esta possa incorporar valores como solidariedade, inquietude e desejo de mudança, sensibilidade, sentido e vida.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação desempenha papel principal no desenvolvimento da individualidade de cada um. Por essa afirmativa, é simples compreender que o futuro de um aluno que é movido, que aumenta a criatividade e o pensamento crítico, tem probabilidades melhores de inserção na sociedade, pela possibilidade de conscientizar-se do seu lugar de cidadão.

A realidade contemporânea expõe-se, muitas vezes, violenta e agressiva, carregada de crueldade e destruição, e todos, crianças e adultos, tornam-se vulneráveis nesta situação.

É necessário educar o homem para que ele seja capaz de ler e escrever o mundo em que vive, isto é, para que ele apresente condições de ponderar a realidade e, deste modo, criar táticas para transformá-la no que for necessário, de modo que o mundo se torne um espaço de partilhamento de cultura e de construção da paz.

A criança busca seus próprios modelos sem que o professor intervenha diretamente no seu processo criador. O professor apenas um facilitador de experiências, que acomoda o ambiente necessário para o livre desenvolvimento das crianças.

A educação baseada na criança e nas metodologias do aprender, influenciada por comentários da Psicologia e aliada aos ideais modernistas da Arte, provocou a ideia de que Arte na escola serviria à autoexpressão e que o professor não deveria interferir, pois o desenvolvimento do processo criador ocorre naturalmente em experiências individuais de expressão da energia criativa própria.

A Arte na escola tornou-se, sobretudo, um fazer instigado pelo sentimento. Na programação das escolas, as ciências faziam parte do universo cognitivo e a Arte, do comando das emoções e dos sentidos. A escola tem a sua parcela de responsabilidade na formação humana, na construção sensível do olhar sobre o pensar e do olhar sobre o mundo.

A escola não é somente espaço para se aprender a ler, escrever e fazer contas e deve ir além do que é imediatamente utilizável. Assim, é preciso que a escola se comprometa com a sensibilização das crianças, ou seja, que oportunize experiências novas de descobertas e que possibilite a expressividade do aluno, permitindo que ele conheça a si mesmo e olhe para aquilo que o cerca com curiosidade e sentimento.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Eunice M. L. Soriano de. **Como desenvolver o potencial criador: um guia para a liberação da criatividade em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1990.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Educação como aprendizagem da vida. Educar em Revista: dossiê complexidade e educação**. Curitiba: UFPR, n32 ago./dez. 2008, p.58.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos: Uma Perspectiva Cognitiva**. Lisboa: Plátano, 2003.



AZEVEDO, F. A. G. de. **Movimentos Escolinhas de Arte: em cena memórias de Noêmia Varela e Ana Mae Barbosa.** 2000. 166 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicações e Artes. Centro de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2000.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais.** São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística,** São Paulo, Cultrix, 2000.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2002.

BESSA, Marylda. **Artes plásticas entre as crianças.** 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** São Paulo: Campinas, 2002, p. 21.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. **Referenciais Curriculares para a Educação Infantil.** Vol. 3, Ministério da Educação ± Brasília: MEC, 1998.

BRASIL, SECRETARIA DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte.** – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Lei Darcy Ribeiro (1996). **LDB: Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei 9394, de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional; e legislação correlata.** 2. Ed. – Brasília: Câmara dos Deputados. Coordenação de Publicações, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa.** 11.ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986. 41.

COLL, César [et al.] **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CROSS, Jack. **O ensino de arte nas escolas**, São Paulo: Cultrix, 1983.

DIAS, Karina Sperle. (org). **Infância e educação**. São Paulo: Papyrus, 1999, p.177.

FERRAZ, M. Heloisa C.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F de Resende. **Metodologia do ensino de arte**, 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FILHO, Aristeo Leite. **Proposições para uma educação infantil cidadã**. In: GARCIA, Regina Leite; FILHO, Aristeo Leite (orgs). *Em defesa da educação Infantil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p.25.

KRAMER, Sonia. **Direitos da criança e projeto político pedagógico de Educação Infantil e Infância, cultura contemporânea e educação contra a barbárie**. In: *Infância, Educação e Direitos Humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

LANIER, V. **Devolvendo arte a arte-educação**. São Paulo: Max Limonad, 1984.

LOWENFELD, Viktor; MAILLET, Miguel (Trad.). **A criança e sua arte: um guia para os pais**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

VYGOTSKY, L.S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/ USP, 1989, p.111.